

## A análise da “conduta interrogativa” e da “ausência” como vias de acesso ao não-ser em *L'Être et le Néant* (Notas sobre a questão do nada na filosofia de Jean-Paul Sartre)

*The Analysis of the “interrogative behavior” and the “absence” as ways of access to the not-Being in L'Être et le Néant (Notes on the question of the nothing in the philosophy of Jean-Paul Sartre)*

André Constantino YAZBEK

Mestre e Doutorando em Filosofia – PUC/SP

---

### Resumo

A partir do exame da conduta interrogativa e da descrição da ausência em *L'Être et le néant*, obra capital de Jean-Paul Sartre, pretende-se lançar luzes sobre a *questão do Nada* enquanto manifestação do *não-ser* na realidade humana.

**Palavras-chave:** consciência, fenômeno, Nada, não-ser, ontologia-fenomenológica

---

### Abstract

*This article analyses the interrogative procedure and the description of absence presents in L'Être et le neant, Sartre's master piece, for to clear the question of nothingness how an expression of not-being in human reality.*

**Keywords:** conscience, Nothingness, not-being, phenomenon, phenomenological-ontology.

## 1. A primazia da subjetividade e o Ser da consciência

Em conformidade com a fenomenologia de Husserl, Sartre pretende descrever o campo objetivo circundante (Em-si) pelo prisma da subjetividade. Para tanto, urge descrever minuciosamente a própria consciência, e do subjetivo chegar ao objetivo, do particular chegar ao geral.

A ênfase do pensamento sartreano no que poderíamos denominar de “razão subjetiva” reflete uma certa fidelidade do filósofo também ao *cogito* cartesiano. Ora, sem a nossa consciência o mundo objetivo nada significaria, já que ele se auto-ignora como existente. Grife-se com força que não se trata aqui de uma filosofia subjetivista ou individualista, posto que em Sartre o subjetivo está sempre atrelado ao objetivo, o pensamento acha-se ligado

à ação prática, o homem e o mundo nunca se apartam. No entanto, é pela subjetividade que se inicia a investigação da intersecção entre as duas regiões ontológicas do pensamento de Sartre. Destarte, não se deve inferir imediatamente daí que haja algum privilégio ontológico do “sujeito” em relação à “coisa”. Aliás, Bernard-Henri Lévy chega mesmo a sugerir-nos exatamente o contrário:

Ele [Sartre] acreditava na consciência, certo. Ele afirmou e reafirmou suas prerrogativas. Mas, não contente de dizer-nos que ela é segunda, tardia, não contente de repetir que as coisas estavam aí antes de sua chegada, ele nos assegura que ela é sobretudo mais pobre e que é do outro lado, o do em-si, isto é, das coisas ou dos corpos, que refluiu o peso, a plenitude, a dignidade e a riqueza do ser (LÉVY, 2000, p. 223).

Ainda assim, não se deve deixar de levar em conta que *L'être et le néant* é fundamentalmente uma síntese que parte da afirmação da primazia da subjetividade, e que permanece ancorado nas categorias psicológicas das primeiras obras de Sartre. Neste sentido, o caráter notadamente abstrato de *L'être et le néant* é consequência da compressão de grande variedade de problemas filosóficos heterogêneos dentro das categorias elaboradas com base na inspiração anterior de Sartre na psicologia filosófica. Segue-se daí que as notórias dificuldades de compreensão do ensaio sartriano são oriundas principalmente do caráter incomodamente estranho do tom subjetivo em que a obra foi composta, apresentando uma síntese compreensiva do homem e do mundo sob seus aspectos subjetivos, e na qual a objetividade emerge amplamente mediada e transmutada dentro das categorias da subjetividade existencialista do pensamento de nosso autor. Donde percebe-se o peso da descrição do Ser da consciência.

Portanto, para além das questões específicas ventiladas aqui, por hora é suficiente apenas que se grife o seguinte: a função do Ser no pensamento

de Sartre só se desvela plenamente através do estudo da consciência, ou seja, da dimensão propriamente humana. Neste sentido, todo e qualquer tipo de determinação que o Ser possa sofrer advém-lhe precisamente da consciência que o intenciona. É a partir da interrogação sobre o Ser da consciência que Sartre procura estabelecer a relação entre os dois domínios opostos de sua ontologia: o do Ser e o do Nada – entendido aqui como a consciência, posto que, se a oposição entre os dois domínios ontológicos é radical e a consciência é fundamentalmente *outro* que *não* o Ser Em-si, por conseguinte, ela só pode ser o “nada”, um “nada” de Ser. Nesse sentido, contrapondo-se ao entendimento heideggeriano, Sartre afirmará, ainda em seu *Diário de Guerra*, o Nada característico do Ser da consciência:

O em-si reveste a consciência para ser ultrapassado, por ela, no Nada. Mas não, como pensa Heidegger, no Nada que retém o mundo em si: no Nada que a consciência é, ela mesma. A consciência [...] ultrapassa o mundo rumo a si mesma. Ela é investida, é atravessada pelo em-si na medida exata em que é atravessada pelo Nada (SARTRE, 1983, p. 221).

Pois bem, vejamos então como Sartre procede em sua elucidação do “nada” enquanto fundamento ontológico da consciência.

## 2. Da interrogação à experiência “pré-judicativa”: a negação sob um fundo de Ser

A propósito de estabelecer um liame entre as duas regiões do Ser explicitadas pelas análises precedentes, Sartre afirma que devemos interrogar – “com toda ingenuidade” – a totalidade “homem-no-mundo”. Somente a partir desta interrogação poderemos atingir a totalidade sintética da qual tanto a *consciência* como o

*fenômeno* são apenas momentos. De tal sorte que a relação entre as regiões do Ser deve ser perscrutada a partir de uma fonte primitiva oriunda da própria estrutura desses seres. Dessa forma, a questão da união de duas regiões de Ser será entendida como a questão de se apreenderem os perfis do concreto, ou seja, da síntese, descartando-se definitivamente o método de analisar componentes. A relação ôntica homem/mundo deve ser investigada enquanto uma síntese concreta. É sob o crivo da inflexão hermenêutica-fenomenológica heideggeriana que Sartre irá sublinhar a expressão *ser-no-mundo* enquanto elemento indicativo de uma unidade indissolúvel entre o homem e o mundo. Note-se que é justamente na seqüência dessa indicação de uma síntese concreta que Sartre pretende esclarecer as relações entre ambos os termos ontológicos perscrutados – sua investigação terá como ponto de partida os próprios comportamentos humanos.

De saída, adverte-nos Sartre, nossa própria atitude interrogativa em relação ao estabelecimento de uma intersecção entre os dois domínios ontológicos do Ser e do Nada revela-nos já uma conduta humana, ou seja, uma conduta do “homem-no-mundo”; fato que, justamente por isso, há de nos revelar algo acerca do homem, do mundo e da relação que os une: qualquer pergunta que se possa formular acerca do que se constitui efetivamente a relação homem-mundo, isto é, acerca das condições de possibilidade desta relação, há de partir do princípio de que o que se investiga é um *jorro de Ser* primordial, do qual as condutas humanas são vivências *pré-reflexivas* objetivadas e não afecções subjetivas que se revelariam apenas na reflexão. Desse modo, Sartre estabelece de saída que é a partir das próprias condutas humanas que poderemos iniciar nossa investigação da relação “homem-mundo”.

Seguindo-se os passos de Sartre, partiremos de uma constatação: qualquer homem pode emitir um juízo sobre o Ser, independente do valor de verdade deste juízo. Pois bem, essa capacidade

por si só nos indica que, de maneira especial, não somos exatamente como o Ser. Como vimos, o Ser rege-se pela identidade de *si a si*, sem relação interna ou externa possível e, portanto, é algo que se auto-ignora e não poderia emitir juízo algum sobre si mesmo ou sobre o que quer que seja – está fechado em sua plena positividade, está encerrado *em si* mesmo sendo o *que é*. Ora, a consciência é justamente essa propriedade que o Ser não possui de se dirigir a *si* mesmo e às coisas do mundo. Justamente por não estar encerrada *em si* – ou seja, por *não ser* plena positividade – a consciência pode exprimir juízos sobre os objetos, interrogar-se a respeito deles e de *si* mesma, colocando em questão seu próprio Ser. Há uma diferença qualitativa que separa a nossa consciência das coisas do mundo. Neste sentido, a *concretude* mundana de nossa simples constatação põe em destaque um fato capital: em diversas modalidades de comportamento, o homem encontra-se com o negativo.

Eis o ponto nevrálgico a ser destacado: uma das condutas eminentemente humanas é a conduta interrogativa, que, como tal, implica um Ser que questiona e outro que é questionado e supõe, nela mesma, uma relação original do homem com o Ser Em-si. De tal modo que a interrogação surgirá no horizonte sartriano como o primeiro comportamento apontado pelo filósofo em sua busca da origem da relação homem e mundo e da própria negação:

Ora, a própria interrogação nos oferece a conduta desejada: este homem que eu sou, se o sinto tal qual é neste momento no mundo, se constato que ele se mantém frente ao ser em uma atitude interrogativa. No momento em que pergunto: ‘Há uma conduta que possa me revelar a relação do homem com o mundo?’, faço uma interrogação. [...] [a atitude interrogativa] é uma atitude humana dotada de significação. O que nos revela esta atitude? (SARTRE, 2001, p. 38).

Mais do que um simples conjunto objetivo de palavras, a interrogação é dotada de profunda significação humana. Em toda interrogação ficamos ante o Ser que interrogamos: de certo há um Ser que interroga e outro ao qual se interroga – neste sentido, a conduta interrogativa não é a relação primitiva do homem com o Ser Em-si, mas certamente a pressupõe. Outro aspecto importante é que sempre interrogamos o Ser interrogado *sobre* alguma coisa: o interrogado é interrogado “sobre algo”, e esse “sobre algo” faz parte da transcendência do Ser – minha interrogação é sempre dirigida para o Ser ou para as maneiras de ser do interrogado, ou seja, do Ser mesmo. Há que se notar que, sobre o fundo de uma familiaridade “pré-interrogativa” – posto que quem interroga deve dirigir sua interrogação a algo que lhe é acessível, logo, de certa forma, familiar; pressupõem-se aqui mais uma vez uma relação original da consciência com o Ser -, aguardo pacientemente uma revelação de Ser ou de uma maneira de Ser. No entanto, a relação originária da consciência com o Ser, pressuposta pela interrogação é ambígua, pois admite duas respostas, a afirmativa e a negativa. Eis o ponto de inflexão: aquele que interroga, pelo fato mesmo de interrogar, fica em estado de “não-determinação”, ou seja, não sabe se a resposta que lhe será revelada pelo Ser será afirmativa ou negativa. Em conclusão, Sartre dirá que a interrogação é uma “ponte” lançada entre dois “não-seres”: o não Ser do saber no homem, e a possibilidade de não Ser no Ser transcendente – ou seja, a possibilidade da resposta negativa por parte do Ser. Assim, a pergunta encontra a negação no sujeito (o nada de saber do sujeito, visto que pergunta) e no Ser transcendente, ou seja, no objeto. A estes dois seres, Sartre introduzirá mais um: o “não-ser” limitador – oriundo precisamente do fato de que a pergunta encerra a existência de uma verdade, de tal modo que, ao perguntar, o investigador espera uma resposta objetiva que lhe diga que o objeto é assim e não de outro modo; dessa forma, a verdade, enquanto diferenciador de Ser, introduz o “não-ser” limitador como

partícula determinante da pergunta: ao responder determinada interrogação, digo que tal objeto apresenta tais e tais características e, ao fazê-lo, nego-lhe todas as demais características.

A possibilidade permanente do “não-ser”, tanto fora de nós como em nós mesmos, condiciona absolutamente todas as nossas interrogações sobre o Ser e revela-nos que estamos rodeados de nada: toda questão pressupõe uma certa compreensão “pré-judicativa” do “não-ser”. Aliás, Sartre faz notar que é também o “não-ser” que vai circunscrever a resposta: aquilo que o Ser será vai se recortar necessariamente sobre o fundo daquilo que ele não é.

Grife-se com atenção a assertiva sartriana: “Qualquer que seja a resposta, ela poderá ser formulada assim: ‘O ser é isto e, fora disto, nada’” (SARTRE, 2001, p. 40). Portanto, nessa modalidade particular de conduta que é a interrogação, o “não-ser” emerge como a manifestação de um novo componente do real.

A partir deste itinerário teórico e conceitual, Sartre hipotecará todos os seus esforços a fim de descobrir a densidade desse “não-ser” – ao filósofo impõe-se a tarefa de averiguar de que modo o nada pertence ao real. Nesse sentido, tendo como ponto de partida o plano fenomenológico – ou seja, a descrição de certas experiências –, Sartre procura atingir o fundamento do Ser da consciência, que será precisamente o “nada”, indicado pela presença constante do “não-ser” na conduta interrogativa considerada acima. Donde sua crítica a Hegel: contra o filósofo alemão, que considera o ser e o nada meras “abstrações vazias”, “[...] é preciso recordar aqui [...] que o ser é e que o nada não é” (SARTRE, 2001, p. 50). Sartre busca ressaltar a presença do negativo em outros comportamentos humanos – se, com efeito, é impossível diminuir a plena positividade do Ser, também é-nos ilusória a desconsideração do fato de que o homem se defronta com o negativo.

Desde já nos postamos diante da pergunta capital para se determinar a relação entre as

negações, o “não-ser” manifesto por elas e o “nada”: “[...] a negação, como estrutura da proposição judicativa, está na origem do nada – ou, ao contrário, se é este nada, como estrutura do real, que é a origem e o fundamento da negação?” (SARTRE, 2001, p. 41).

○ negativo fundamenta o nada, ou o nada fundamenta o negativo? Sartre aqui abandona o plano da descrição fenomenológica e se alça ao nível especulativo. Se o problema do Ser remeteu-nos ao da interrogação como conduta eminentemente humana, o problema da interrogação agora nos leva ao Ser da interrogação.

A primeira determinação concentra no fato de que a negação aparece sempre sobre o fundo primitivo de uma relação entre o homem e o mundo: o mundo jamais revela seus “não-seres” a quem não os colocar como previamente possíveis – inversamente, o “não-ser” surge circunscrito aos limites de uma espera humana: é justamente porque eu *esperava* encontrar dez reais em meu bolso que não encontro *senão* cinco.

Em primeiro lugar urge aparar algumas arestas. A negação, como já foi dito, não é somente qualidade do juízo: a questão se formula por um juízo interrogativo, todavia não se trata aqui de juízo, mas sim de conduta “pré-judicativa”, uma vez que posso interrogar com o olhar, com gestos, etc... A interrogação me mantém frente ao Ser, e esta relação com o Ser é uma relação de Ser da qual o juízo constitui apenas expressão facultativa:

Da mesma forma, não é necessariamente um *homem* que o questionador questiona no ser: esta concepção da interrogação, tornando-a um fenômeno intersubjetivo, descola-a do ser ao qual ela adere e deixa-a pairando no ar, como pura modalidade de diálogo. Deve se entender que a interrogação dialogada, ao contrário, é uma espécie particular do gênero ‘interrogação’ e que o ser interrogado não é inicialmente um ser pensante: se

meu carro sofre uma pane, é o *carburador*, *as velas*, etc., que eu interrogarei. [...] o que eu espero do carburador [...] não é um juízo, mas sim um desvelamento de ser sobre o fundamento do qual possa emitir um juízo. (SARTRE, 2001, pp. 41-42).

A interrogação mesma conduz à experiência “pré-judicativa” da negação, ou seja, à compreensão do “não-ser” anterior ao juízo – com efeito, a indagação diante do Ser, que não é necessariamente um homem, pode ser concebida em uma relação de Ser que não é intersubjetiva e que não está pressuposta por um diálogo. Ora, interrogam-se “entes” ou coisas simplesmente: investiga-se, por exemplo, o que acontece com o motor de um automóvel que falha, o que se passa com seu carburador, o que há com ele. A resposta emitida pelo investigador, após seu exame da coisa, pode ser precisamente “nada” (*rien*): não há “nada” de errado com o carburador. A possibilidade desta resposta implica a consideração de uma presença do “não-ser” – de “nada” (*rien*) – como fundamento dos eventuais juízos que se façam. Se espero uma revelação de Ser, isso significa que estou preparado ao mesmo tempo para a eventualidade de um “não-ser” – há, portanto, uma compreensão “pré-judicativa” do “nada”, ou seja, do “não-ser”. Precisamente, estamos diante de uma relação do Ser com o “não-ser”, que se desenvolve sobre o fundo da transcendência original, vale dizer, uma relação do Ser com o Ser.

Conforme nos adverte Sartre, diversas condutas “pré-judicativas” trazem na sua pureza original essa compreensão imediata do “não-ser” sobre o fundo de Ser: enquanto elementos constitutivos de *relações de Ser* – portanto, anteriores e fundantes à conduta judicativa -, a estrutura da destruição e destrutividade humanas, ou da fragilidade e da ausência, podem ser desveladas como experiências de “nadificação”. São condutas que ostentam a mesma estrutura da interrogação – tanto quanto a interrogação, a destruição, por exemplo, é uma atitude humana

diante do Ser e só é possível enquanto tal. Ora, não é o homem o único Ser pelo qual pode realizar-se uma destruição? Sartre faz notar que uma rachadura geológica ou uma tempestade não destroem – ou, ao menos, não destroem diretamente: apenas modificam a massa de seres. Depois de uma tempestade não há *menos* que antes, há, isso sim, *outra coisa*. Aliás, como Sartre também faz notar, até a expressão “*outra coisa*” é imprópria – posto que para colocar a alteridade (a coisa *outra* diversa da que lá estava) falta um testemunho capaz de reter de algum modo o passado e compará-lo ao presente sob a forma do *já não sendo o mesmo*. Para que a destruição de uma tempestade possa ser vista como destruição, e até como morte de seres vivos, é necessária primeiramente uma relação entre o homem e o Ser, ou seja, entre uma *transcendência* e o Ser que a *transcende*. No limite, cabe ao homem aprender um Ser como destrutível – o que pressupõe um recorte limitativo de um Ser no próprio Ser; e isso constitui já uma “nadificação”, assim como o “não-ser” limitador da verdade.

Eis o ponto: qualquer coisa que exista só pode ser destruída efetivamente pelo homem, que é capaz de transformar um *ente* em “não-ser”. As “destruições” provocadas pela natureza jamais poderiam, por si só, ser apreendidas e qualificadas como tais – pois não há, neste caso, um ponto de vista e um comportamento a partir dos quais se faça com que algo deixe de Ser. Com efeito, a destrutibilidade e a fragilidade de qualquer *ente* são efetivamente possibilidades de “não-ser”, que somente são trazidas às coisas pelo homem. Somente o homem, na relação de “limitação individualizadora” que ele mantém com um Ser – sobre o fundo primeiro de sua relação com o Ser – faz chegar a esse Ser, enquanto aparição, a possibilidade permanente de “não-ser”. Ainda mais: é necessário que o homem se determine diante da possibilidade de “não-ser”; é preciso que tome medidas para realizar tal possibilidade (como a destruição, por exemplo), ou então, pela *negação* do “não-ser”, que a mantenha ao nível da simples possibilidade (medidas de proteção que preservem

o Ser, por exemplo). Tome-se a destruição. Claro está que ela implica uma compreensão “pré-judicativa” do “nada” enquanto tal e uma conduta *diante* do “nada” – “nadificação” é precisamente o recorte limitativo de um Ser no seu Ser mesmo: o Ser considerado (“nadificado”) é precisamente isso e, fora disso, “nada”. Leve-se em conta ainda que a destruição, embora chegue ao Ser exatamente pelo homem, é um *fato objetivo* e não um mero pensamento pairando sob um céu inteligível. Ora, a fragilidade está impressa no Ser mesmo da coisa (no Ser mesmo de um vaso, por exemplo), de modo que a sua destruição pode se afigurar como um fato irreversível e absoluto, que a mim caberia apenas comprovar. Isso implica a afirmação de uma *transfenomenalidade* também do “não-ser”, assim como o Ser. Enfim, o exame da conduta de “destruição” leva-nos ao mesmo resultado do exame da conduta interrogativa.

A propósito de demonstrar que há uma compreensão pré-judicativa do “não-ser”, ou seja, do “nada”, Sartre empreende com virtuosismo a descrição pelos modos como se dá, para ele, a experiência da “nadificação”. Tais descrições, de cunho fenomenológico, apontam fundamentalmente para as relações em que o “não-ser”, que se torna consistente através da vivência, é *intencionado*. Nesse sentido, o *não-é* difere radicalmente do *não-é* formal, que constitui simplesmente uma relação pensada. Contudo, em meio a série de descrições feitas por Sartre, deve-se notar a que se refere a *ausência*. Em uma descrição magistral de um simples encontro marcado entre duas pessoas, o filósofo nos mostra como a *ausência* é constatada pela *consciência que nadifica*.

Vejamos de maneira detalhada como Sartre procede a essa descrição.

### 3. A descrição da ausência em *L'être et le néant*

Em primeiro lugar, nos diz o filósofo, basta considerar um juízo negativo em si e perguntar se

faz aparecer o “não-ser” no seio do Ser ou se limita-se a afirmar uma descoberta anterior:

Tenho encontro com Pierre às quatro horas. Chego com atraso de quinze minutos: Pierre é sempre pontual; terá esperado? Olho o salão, os clientes e digo: ‘Não está’. Há uma intuição da ausência de Pierre ou será que a negação só intervém com o juízo? À primeira vista, parece absurdo falar aqui de intuição, pois precisamente não poderia haver intuição de *nada*, e a ausência de Pierre é esse nada. Contudo, a consciência popular testemunha tal intuição. Não se costuma dizer, por exemplo: ‘Em seguida, vi que ele não estava?’ (SARTRE, 2001, p. 43).

O bar no qual eu deveria encontrar Pierre, por si só, com seus clientes, suas mesas, cadeiras, copos, a atmosfera esfumaçada e os ruídos de vozes e bandejas entrechocando-se, constitui uma plenitude de Ser. Dessa forma, todas as intuições de detalhe que posso ter estão carregadas desses odores, sons, cores, etc. – todos fenômenos dotados de um Ser *transfenomenal*. Analogamente, a presença real de Pierre em um lugar em que desconheço, conforme Sartre, também é plenitude de Ser. Enfim: “Parece que deparamos com plenitude por toda parte” (SARTRE, 2001, p. 43).

Entretanto, faz-se necessário advertir que, na percepção, ocorre sempre a constituição de uma forma sobre um fundo. Nenhum objeto está, de antemão, especificamente designado para organizar-se em fundo ou forma – tudo depende exclusivamente da minha atenção. Ora, quando entro no bar em busca de Pierre, todos os objetos assumem uma organização *sintética* de fundo sobre o qual meu amigo é dado como *devendo aparecer*. Minha atenção, dirigida ao *dever-aparecer* de meu amigo, designa toda plenitude de Ser inserida no bar como mero pano de fundo para a aparição triunfante de Pierre. Esta organização de bar em *fundo-para-*

*-aparição* do que me interessa é uma primeira *nadificação*: o fundo do bar só é visto por acréscimo, objeto de atenção puramente marginal. Assim, essa primeira “nadificação” de todas as formas e seres – que aparecem e submergem na total equivalência de um fundo – é condição necessária à aparição da forma principal, ou seja, Pierre.

Eis a letra de Sartre:

Cada elemento do lugar, pessoa, mesa, cadeira, tenta se isolar, se destacar sobre o fundo constituído pela totalidade dos outros objetos e recai na indiferença desse fundo, diluindo-se nele. Por que o fundo só é visto por acréscimo, objeto de atenção puramente marginal. Assim esta *nadificação* primeira de todas as formas, que aparecem e submergem na total equivalência de um fundo, é a condição necessária para a aparição da forma principal, no caso a pessoa de Pierre. (SARTRE, 2001, p. 44).

Note-se bem que essa “néantisation” dá-se à minha intuição – posto que sou testemunha do sucessivo desvanecimento de todos os objetos que vejo, “/.../ em particular desses rostos, que me retêm um instante (‘Será Pierre?’) e que se decompõem de imediato precisamente porque ‘não são’ o rosto de Pierre” (SARTRE, 2001, p. 44). Se descobrisse enfim Pierre, minha intuição seria preenchida por um elemento sólido, ficaria logo fascinada por seu rosto (precisamente aquele, de Pierre – objeto de minha atenção absoluta) e todo o bar se organizaria à sua volta, em presença discreta. Não é o caso. Pierre não está. Bem ao contrário, Pierre está ausente de *todo* bar, e é sua ausência mesma que fixa este *todo* – o bar – na sua evanescência: o bar teima em oferecer-se como fundo indiferenciado unicamente à minha atenção marginal, o *todo* (objetivamente pleno de Ser) desliza para trás e continua a sua “nadificação”. O *todo* só faz-se fundo para uma forma determinada, que está no centro de minha atenção e

que, enquanto forma, leva-me onde quer que seja diante de si, apresentando-se a mim por todo o lado, e estando presente em lado algum. Essa forma que desliza constantemente entre meu olhar e os objetos plenamente sólidos e reais do bar é precisamente, também ela, um perpétuo desvanecer-se: é Pierre que se destaca como “nada” sobre o fundo indiferenciado da “nadificação” do bar.

Tem-se aqui uma dupla “nadificação”: 1) o “nada” do fundo indiferenciado do bar, cuja própria “nadificação” se faz em função da aparição de uma forma - neste sentido, exige-se e atrai-se aqui a aparição da forma; 2) o “nada” da forma, que desliza na superfície do *fundo nadificado* como *não estando aí* – vale dizer, como “nada”. Portanto, Sartre dirá que “Isto que serve de fundamento ao julgamento: ‘Pierre não está’, é pois a captação intuitiva de uma dupla nadificação” (SARTRE, 2001, p. 44). Decerto, como o filósofo nos adverte em seguida, a ausência de Pierre pressupõe uma relação primeira entre mim e o bar – justamente por esperar ver Pierre, é que a ausência de Pierre se torna tão concreta para mim: ela se faz como acontecimento real e alusivo ao bar. Objetivamente descobri a *ausência concreta e presente* de Pierre neste bar – que se mostra como relação sintética entre ele e o local onde o procuro: em sua *ausência*, meu amigo se destaca como “nada” (ou seja, como o “não-ser” de Pierre no bar) sobre o fundo de “nadificação” do bar. Eis que a *ausência* de Pierre, ou melhor, Pierre ausente, *infesta* este bar e é a condição mesma de sua organização “nadificadora” como *fundo* onde meu amigo *deveria aparecer como estando lá*. Em sua *ausência*, posso sentir o peso “nadificador” da *concreta presença-ausente* de meu amigo: ao *não estar* no bar, Pierre condiciona a formação do salão como *fundo* onde sua forma *deveria postar-se*. A

percepção de que o procurado não se encontra presente gera um vazio, um “nada”, onde, de outro modo, deveria encontrar-se um objeto. No lugar do objeto (um Ser) encontra-se precisamente “nada” (um “não-ser”), de maneira que tudo se passa como se o “nada” constituísse a figura e todas as coisas e indivíduos presentes se tornassem o fundo indiferenciado, posto que estão “nadificados” também pela atenção que os retira de seu foco. Não chegando a fazer parte de um método dialético, a negação sartriana obedece às flutuações de figura e fundo, conforme o modelo da *Gestalt*<sup>1</sup>. Assim sendo, é a instauração de um *Nada* relativo que acaba delimitando o fundo sobre o qual o objeto se destaca.

De todo modo, segundo Sartre, isso basta para mostrar que o “não-ser” não vem às coisas pelo juízo negação – ao contrário, é o próprio juízo de negação que está condicionado e sustentado pelo “não-ser”. O fundamento para o juízo de negação (por exemplo: “Pierre não está.”), é a captação intuitiva da dupla “nadificação” mencionada acima, que é também “pré-judicativa” – posto que é o “não-ser” de quem eu esperava encontrar (a *ausência*, portanto) que condiciona e sustenta o juízo negativo “Pierre não está”.

Note-se que a análise fenomenológica da negação e do negativo acaba por desembocar no “nada” enquanto manifestação do “não-ser”. Desse modo, longe de se tomar a categoria do não – “categoria existente de *fato* no espírito” (SARTRE, 2001, p. 45) – como simples procedimento positivo e concreto para revirar e sistematizar nossos conhecimentos (algo que seria desencadeado de súbito pela presença de certos juízos afirmativos para selar alguns pensamentos resultantes desses juízos), deve-se tomar a negação como recusa de existência. Caso contrário, esvazia-se a negação

<sup>(1)</sup> A Gestalt é uma teoria desenvolvida no início do século XX, na Alemanha, pelos psicólogos Köhler, Kofka e Wertheimer, e que sofreu influências da fenomenologia de Husserl. Para a Gestalttheorie, a exemplo da fenomenologia husserliana, a nossa percepção dos objetos não se dá em partes ou fragmentos cuja junção seria efetuada num segundo momento, mas sim a partir da capacidade da consciência em captar os objetos em sua totalidade e em seu conjunto. Destarte, o objeto é de imediato percebido na sua totalidade, em sua estrutura, para posteriormente ser descoberto em seus detalhes. Enfim, de acordo com a Gestalt, também chamada de “psicologia da forma”, não é pela reconstituição e associação de sensações isoladas que se tem a apreensão do objeto.

de toda a sua função negadora. Por meio da negação, um Ser ou um modo de Ser é primeiro colocado e depois, numa recusa de existência, relegado ao “nada”. Ora, se a negação for simples categoria, apenas um rótulo indiferenciadamente aplicado a certos juízos, de onde poderia extrair sua possibilidade de “nadirificar” um Ser, fazem-do-o surgir de repente e, não obstante, relegando-o no momento seguinte à condição de “nada”?

Estamos aqui na esfera da consciência – e consciência, conforme Sartre nos adverte, não pode produzir negação salvo sob a forma de *consciência de negação*. De sorte que, com efeito, o *não* se configura como uma brusca descoberta intuitiva, que emerge com vigor em sua condição de *consciência (de Ser)* consciência do *não*. Se há somente Ser por toda parte, torna-se não somente inconcebível o *Nada*, mas também a própria negação – posto que do Ser, plena positividade, jamais será derivada a negação. Dessa forma,

conforme o espírito sartriano, a condição necessária para que se possa dizer *não é* que o “*não-ser*” seja presença perpétua em nós mesmos e fora de nós. Em uma palavra, a condição de possibilidade da *negação* implica de antemão que “*/.../ o nada investe o ser*” [SARTRE, 2001, p. 46]. Aos olhos atentos de Sartre, o exame da negação investiga as articulações entre consciência e fenômeno.

## Bibliografia

LÉVY, Bernard-Henry. *Le siècle de Sartre*. Paris: Bernard Grasset, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Collection Tel, Edition Corrigée avec Index par Arlette Elkaim-Sartre. Paris: Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. *Diários de guerra estranha*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

